

ESTOMAS INTESTINAIS: FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM E ASSISTÊNCIA EM UNIDADES DE SAÚDE DA FAMÍLIA

Elizabeth Souza Silva de Aguiar¹

Ednalva Maria Bezerra de Lira²

Maria Júlia Guimarães Oliveira Soares³

Nara Carneiro Lacerda⁴

RESUMO

A assistência aos portadores de estomias, frequentemente iniciada em ambiente hospitalar, deve ter continuidade de atenção a saúde pelos profissionais de enfermagem que atuam em unidades de Saúde da Família - USF, em que a Estratégia Saúde da Família vem sendo amplamente disseminada nos municípios brasileiros como forma de reorganizar a atenção básica e a produção em saúde⁽¹⁾. Deste modo, frente às diversas ações de atenção a saúde em USF, a equipe deve realizar cuidados a pessoa com estomia, em especial o estomizado intestinal (ileostomizado/colostomizado), representando um segmento classificado nos últimos anos como portador de deficiência, uma vez que a doença prévia resulta em deficiência do sistema excretor, produzindo limitações em várias esferas da vida, tanto social quanto pessoal⁽²⁾. Deste modo, a equipe de Enfermagem inserida nesta estratégia deve ampliar seu conhecimento na atenção primária, uma vez que a USF tem se constituído como campo para elaboração e construção de novas práticas de saúde⁽³⁾. É neste contexto, que o enfermeiro da unidade participa do processo ensino-aprendizagem do paciente-família estomizado, seja através da visita domiciliária, acompanhamento na própria unidade de saúde ou encaminhamentos para os serviços de referência e grupos de apoio. Sendo relevante essa assistência, uma vez que se observam dificuldades cotidianas dos estomizados e seus familiares para a continuidade do cuidado após a alta e convivência com a estomia. No entanto, percebe-se no cotidiano da ESF que existem algumas lacunas a serem

¹Pós-graduada em Estomaterapia. Faculdade de Enfermagem Nossa Senhora das Graças (FENSG). Universidade de Pernambuco (UPE). Av. Silvino Chaves, 481, AP.1502, Bairro Manáira. João Pessoa /PB. CEP: 58038-420. E-mail: elisousilva@hotmail.com

²Pós-graduada em Estomaterapia (FENSG/UPE).Residência em Enfermagem Matero-infantil (SES/UFPE/UPE).Especialista em Pediatria (UFPE).Especialista em Saúde da Família (UPE). Enfermeira do PSF do DS III (Recife/PE). E-mail: nalvalira@yahoo.com.br

³Doutora em Enfermagem. Professora Adjunta da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Paraíba, Brasil.

⁴Enfermeira. Mestre em Nutrição (UFPE). Especialista em Nutrição Humana (UFLA). Docente da FENSG/UPE. nara.lacerda@hotmail.com

preenchidas, especialmente quanto à continuidade da assistência de Enfermagem iniciada em nível hospitalar aos Estomizados Intestinais, em que se encontram dificuldades no tipo de assistência a ser desenvolvida. Então, partindo desse pressuposto, objetiva-se neste estudo: Verificar a formação acadêmica e capacitação dos profissionais de enfermagem no que concerne aos estomas intestinais; Identificar a natureza da assistência prestada pelas equipes de enfermagem aos portadores de estomias e Conhecer as necessidades dos profissionais para o atendimento desses usuários na USF. Trata-se de um estudo transversal, descritivo com abordagem quantitativa, desenvolvido em 25 Unidades de Saúde da Família (USFs) do Distrito Sanitário III, composta por 44 equipes, cidade do Recife/PE, durante os meses de Janeiro a Fevereiro de 2008. A amostra ficou composta de 86 profissionais (45 auxiliares/técnicos de Enfermagem e 41 enfermeiros), que atenderam aos critérios de inclusão: está em atividades assistenciais durante o período de coleta dos dados, concordar em participar da pesquisa e assinar o termo de consentimento livre e esclarecido. Utilizou-se dois questionários como instrumento de coleta de dados. A tabulação dos dados ocorreu por meio da construção de uma planilha no Microsoft Excel no intuito de armazenar e facilitar a confecção das tabelas, leitura, armazenamento e análise dos dados. As informações obtidas foram tratadas através de uma análise univariada, e apresentadas por frequência absoluta e relativa. Foram obedecidas as recomendações da resolução nº 196/96 do CNS/MS, sobre pesquisa envolvendo seres humanos. O projeto desta pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade de Pernambuco, em 29/05/2007, com número 040/2007. Resultados: O universo participante da coleta de dados (86 profissionais de enfermagem) é formado em sua maioria por mulheres 81(94%) e uma minoria de homens 05(6%). Com relação à faixa etária dos amostrados, 32(72%) dos auxiliares/técnicos de enfermagem encontram-se entre 20 a 35 anos, 11(24%) acima dos 36 anos e 02(4%) não informaram. O maior percentual de enfermeiros 25(61%) está entre 36 a 50 anos, 07(17%) entre 20 a 35 anos, 06(15%) acima dos 50 anos e 03(7%) não informaram. Identificou-se também o tempo de conclusão do curso de nível médio e graduação. Verificou-se que nas categorias de auxiliares/técnicos de enfermagem um número significativo 22(49%) concluiu há menos de 5 anos, de 5 a 15 anos tem-se um percentual de 19(42%). Entre os enfermeiros, todos obtiveram o diploma há mais de 5 anos, 16(39%) entre 5 a 15 anos e

25(61%) há mais de 16 anos. Reportando aos resultados relativos à formação acadêmica dos sujeitos, do conjunto de profissionais 59 (69%) afirmaram que os foram contemplados com conteúdos sobre estomas intestinais e 27 (31%) afirmaram que *não*. As disciplinas apontadas pelos pesquisados nas quais se abordaram os estomas intestinais foram: Clínica Cirúrgica 34(58,5%), Clínica Médica 19(32,5%) e Introdução à Enfermagem/Semiologia 02(3,5%). Aproximadamente $\frac{1}{4}$ (um quarto) dos profissionais estudados referiu que obtiveram conhecimentos sobre estomas intestinais após a conclusão do curso. A esse respeito, do total de pesquisados, 62 (72%) não buscaram nenhum conhecimento acerca de estomas, apenas 20 (23%) o fizeram. Deste modo, pode-se verificar que o percentual de profissionais que tiveram acesso extracurricular sobre o conteúdo em foco foi bastante baixo. Os sujeitos que participaram dessas atividades de atualizações mencionaram os seguintes temas: Cuidados de Enfermagem aos Ileostomizados/Colostomizados e Acompanhamento no Processo de Reabilitação. Quanto ao contato profissional com usuários estomizados, verificou-se que 54(63%) do conjunto de profissionais de enfermagem afirmaram que já prestaram cuidados a essa clientela durante sua vida profissional, à princípio revelando experiência. No entanto, entre os 25(56%) auxiliares/técnicos de enfermagem que já realizaram esse atendimento, desses apenas 09(36%) referiram segurança na implementação desse cuidado. Por outro lado, na categoria das enfermeiras, as 29(71%) que afirmaram contato com estomizados (experiência), dessas, 20(69%) consideravam-se seguras para prestar os cuidados. Com relação ao conjunto de profissionais 32(37%) que não possuem experiência, desses apenas 02(6%) referem-se seguros caso venham a ter contato com o portador de estomia, e os demais se consideram inseguros. Segundo as atividades desenvolvidas ou a serem desenvolvidas na USF voltada a assistência de usuários estomizados, as equipes de enfermagem estudadas citaram: Orientações aos estomizados e família (38% dos profissionais com experiência e 34% dos profissionais sem experiência); Encaminhamento para serviços de referência (18% dos profissionais com experiência e 19% dos profissionais sem experiência); Não consideram atribuição da USF (4% dos profissionais com experiência e 3% dos profissionais sem experiência); e Não responderam (40% dos profissionais com experiência e 44% dos profissionais sem experiência). Um fato importante para se avaliar, concerne-se a existência de estomizados nas USFs, sendo que do conjunto de profissionais que atuam nas unidades

pesquisadas, um número bastante reduzido de profissionais 06(11%) com experiência e 03(9%) sem experiência, afirmaram possuir esses usuários na área adscrita da USF. As menções sobre as necessidades para melhorar a assistência de enfermagem aos usuários com estomias na USF foram categorizadas segundo as enfermeiras que possuem experiência e as que não são experientes, distribuindo-se desta forma: para as 29 enfermeiras que já assistiram estomizados, mais da metade 16(55%) citaram a necessidade da Capacitação dos profissionais e provimento de recursos materiais específicos para atender esses usuários; 05(17%) não responderam e 04(13,5) referiram a necessidade em desenvolver atividades na unidade que integre o estomizado na rotina. Também foi informado por 03(10%) dessas profissionais, a carência na implementação de políticas de saúde que integrem as USFs e os serviços de referência no que tange a contra referência. Em direção oposta, uma minoria, uma enfermeira com experiência e outra sem experiência, não consideram ser papel da USF atender esses portadores de estomias, mas atribuição da atenção secundária e terciária em saúde. Quanto à 12 enfermeiras que não são experientes com estomias, 06(50%) igualmente citaram a necessidade de capacitações para os profissionais e a providência de recurso materiais específicos, em contrapartida 05(42%) não responderam. Neste estudo foi possível identificar que as equipes de enfermagem das USF pesquisadas possuem um déficit de conhecimento na temática em foco e pouca experiência no assistir o portador de estomias. Deste modo, entende-se que uma educação continuada voltada aos profissionais de saúde e a implementação de políticas de saúde específicas no que concerne a assistência dos estomizados, promova mudanças no panorama de atendimento desses usuários. Portanto, essa pesquisa chama a atenção não apenas dos profissionais de enfermagem ou da saúde, mas também dos diversos segmentos da sociedade, representando um desafio na busca de uma assistência abrangente e de qualidade para esses portadores de estomias.

Palavras Chaves: Equipe de Enfermagem, Saúde da Família, Colostomia, Ileostomia.

REFERÊNCIAS

1. Brasil. Ministério da Saúde. SAD.COSAC. Saúde da Família: uma estratégia para reorientação do modelo assistencial. Brasília, 1997.

2. Santos VLCG. Cuidando do estomizado: análise da trajetória no ensino, pesquisa e extensão.(Tese Livre-docência).São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo;2006.
3. Machado ALG, Silva MRF. Educação em saúde: instrumento de ação para o enfermeiro no Programa Saúde da Família. Rev. Nurs_ 2007 jan.;104(9):45-50.